

O castigo

INTERMÉDIO

Era um dia de inverno muito luminoso e transparente. E Oriana viu o seu reflexo mais claro e mais nítido do que nunca. E nunca se tinha achado tão bonita. O brilho redondo das pérolas rodeava o seu pescoço, refletia-se na sua pele, iluminava o seu cabelo.

- Nunca, nunca vi nada tão bonito! - exclamava ela.

- Pareces a rainha do mar, a princesa da Lua, a deusa das pérolas - disse o peixe.

- Nunca mais me vou embora da margem do rio - disse Oriana. - Quero passar o resto da minha vida a olhar para mim.

Mas de repente Oriana calou-se. Porque ouviu no ar um silêncio. E nesse silêncio levantou-se uma voz, uma voz alta, direita e severa que chamou:

- Oriana!

Oriana estremeceu e voltou-se. Ao seu lado, em pé no ar, estava a Rainha das Fadas.

E a voz alta, direita e severa tornou a falar:

- Oriana, o que é que estavas a fazer?

Oriana, pálida, respondeu:

- Estava a olhar para mim.

- E a tua promessa?

Oriana baixou a cabeça e não respondeu.

- Oriana - disse a voz -, faltaste à tua promessa e abandonaste a floresta.

Abandonaste os homens e os animais e as plantas. As crianças tiveram medo e tu não as consolaste, os pobres tiveram fome e tu não lhes deste comida, os pássaros caíram do ninho e tu não os apanhaste, o Poeta esperou por ti até às doze badaladas da meia-noite e tu não apareceste. Abandonaste o lenhador, o moleiro, o Poeta. Por fim até abandonaste a velha. Não cumpriste a tua promessa. Durante uma primavera, um verão e um outono passaste os dias e as noites debruçada sobre um rio, a ouvir os elogios de um peixe, apaixonada por ti. Por isso, Oriana, deixarás de ter asas e perderás a tua varinha de condão.

E, dizendo isto, a Rainha das Fadas fez, no ar, um gesto com a sua mão.

E no mesmo instante, assim como as folhas das árvores no outono caem dos ramos, assim Oriana viu as suas asas caírem dos seus ombros e ficarem de repente secas e mortas como dois papéis velhos. [...]

Oriana levantou-se e, com a cara coberta de lágrimas e as mãos cheias de terra, pediu à Rainha das Fadas:

- Dá-me outra vez as minhas asas! Dá-me outra vez a minha varinha de condão! Perdoa-me a minha vaidade. Eu sei que faltei à minha promessa, sei que abandonei os homens, os animais e as plantas da floresta. O peixe encheu-me de vaidade com os seus elogios. Olhei tanto para mim que me esqueci de tudo. Mas dá-me outra vez as minhas asas. Eu quero voltar a ser como dantes. Quero voltar a ajudar os homens, os animais e as plantas. Mas sem varinha de condão e sem asas eu não posso ser uma fada. Preciso das asas para voar ao encontro de quem me chama; preciso da varinha de condão para poder ajudar os que precisam de mim.

Mas a voz alta, direita e severa da Rainha das Fadas respondeu-lhe:

- Vai pela floresta fora e vê o mal que fizeste. Vê o que aconteceu aos homens, aos animais e às plantas que tu abandonaste. A olhar para ti esqueceste-te dos outros. Só tornarás a ter asas quando tiveres desfeito todo o mal que fizeste. Só tornarás a ter asas quando te esqueceres de ti a pensar nos outros.

E mal acabou de dizer estas palavras, a Rainha das Fadas desapareceu.

Ficha Técnica

Título: "O castigo"

Obra: Livro Aberto - Português 5.º ano

Autoria: Fernanda Costa e Lídia Bom

Editora: Porto Editora

Páginas: 107-108

Ano: 2016